

A teoria da Ética do Cuidado de Carol Gilligan e suas potencialidades e fragilidades enquanto teoria feminista

Matheus Estevão Ferreira da Silva
Leonardo Lemos de Souza

Como citar:

SILVA, Matheus Estevão Ferreira da; SOUZA, Leonardo Lemos de. A teoria da Ética do Cuidado de Carol Gilligan e suas potencialidades e fragilidades enquanto teoria feminista. *In*: BRABO, Tânia Suely Antonelli Marcelino; FUJITA, Mariângela Spotti Lopes (org.). **Mulheres em tempos de pandemia**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2023. p. 25-48. DOI: <https://doi.org/10.36311/2023.978-65-5954-348-9.p25-48>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

A TEORIA DA ÉTICA DO CUIDADO DE CAROL GILLIGAN E SUAS POTENCIALIDADES E FRAGILIDADES ENQUANTO TEORIA FEMINISTA¹

Matheus Estevão Ferreira da Silva
Leonardo Lemos de Souza

RESUMO: O objetivo deste texto é analisar a teoria da Ética do Cuidado de Carol Gilligan em dois sentidos: tanto do ponto de vista de suas potencialidades como de suas fragilidades enquanto uma teoria feminista crítica. Ressalta-se que a teoria de Gilligan foi recebida no período de Segunda Onda do Feminismo, em finais da década de 1970 e início da década de 1980, cuja repercussão tornou-a referência mundial nos Estudos Feministas, assim como na Psicologia do Desenvolvimento Moral. Gilligan teceu fortes críticas às principais teorias psicológicas do desenvolvimento de sua época, não só a um nível empírico como também epistemológico. Em âmbito global, sua teoria foi igualmente aclamada como criticada. Desvelam-se as potencialidades dessa teoria desde o vanguardismo que suas críticas e propostas tiveram. Porém, pontua-se a necessidade, da qual emergem as fragilidades dessa teoria, de se revisar algumas de suas proposições para contemplar as demandas feministas contemporâneas.

PALAVRAS-CHAVE: Carol Gilligan. Feminismo. Ética do Cuidado. Gênero.

¹ Uma versão ampliada deste texto, que incluiu outros objetivos e proposições, foi publicada como artigo científico (SILVA; LEMOS DE SOUZA, 2022) no Dossiê “40 anos de ‘Uma voz diferente’: contribuições, desdobramentos e o legado das ideias de Carol Gilligan (1936-)”, Dossiê organizado pelo primeiro autor deste texto e que compôs a edição especial da Revista Schème – Revista Eletrônica de Psicologia e Epistemologia Genéticas – de 2022.

ABSTRACT: The aim of this text is to analyze Carol Gilligan's theory of Ethics of Care in two ways: both from the point of view of its potentialities and its weaknesses as a critical feminist theory. It is noteworthy that Gilligan's theory was received in the period of the Second Wave of Feminism, in the late 1970s and early 1980s, whose repercussion made it a world reference in Feminist Studies, as well as in Psychology of Moral Development. Gilligan made strong criticisms of the main psychological theories of development of his time, not only on an empirical but also on an epistemological level. Globally, her theory has been equally hailed as criticized. The potential of this theory is revealed from the avant-garde that its criticisms and proposals have had. However, the need, from which the weaknesses of this theory emerge, to review some of its propositions to contemplate contemporary feminist demands is highlighted.

KEYWORDS: Carol Gilligan. Feminism. Ethics of Care. Gender.

INTRODUÇÃO

Neste ano de 2022, o livro da psicóloga estadunidense Carol Gilligan (1936-), *Uma voz diferente: psicologia da diferença entre homens e mulheres da infância à idade adulta*, publicado originalmente em 1982 e com sua primeira edição no Brasil no mesmo ano², completa seus 40 anos. Quatro décadas se passaram e, como Susan Hekman (1995, p. 01, tradução nossa) ressaltou no final da década de 1990, “as ramificações morais, epistemológicas e metodológicas de seu trabalho ainda estão sendo exploradas”. Hoje, no início da segunda década do século XXI, *Uma voz diferente* não se esgotou, continua sendo uma obra seminal nos vários sentidos em que as ideias nele contidas foram desenvolvidas e exploradas, logo, frequentemente redescoberto em diferentes áreas do conhecimento, principalmente no contexto internacional.

Foi a partir disso que o Dossiê “40 anos de ‘Uma voz diferente’: contribuições, desdobramentos e o legado das ideias de Carol Gilligan (1936-)” foi proposto: primeiro, para celebrar os 40 anos do livro de Gilligan (1982); e segundo, de preencher uma lacuna que até hoje existe na pesquisa brasileira sobre moralidade, que é a não-abordagem ou a abordagem ínfima, parcial e/ou equivocada das ideias de Gilligan, como

² A Editora Vozes relançou este livro em 2021, após 39 anos de sua primeira e única publicação no Brasil pela Editora Rosa dos Tempos que não o relançou desde então, com um novo título que traduziram do original em inglês como: “Uma voz diferente: teoria psicológica e o desenvolvimento feminino”.

constatamos em pesquisa anterior (SILVA, 2020, 2021). Esse Dossiê foi publicado na Revista Schème – Revista Eletrônica de Psicologia e Epistemologia Genéticas –, sendo idealizado pelo primeiro autor deste texto e organizado por ele junto à Patrícia Unger Raphael Bataglia, da Universidade Estadual Paulista (UNESP) de Marília.

Em nossa contribuição para este Dossiê (SILVA; LEMOS DE SOUZA, 2022), produzimos o artigo *Perspectivas feministas contemporâneas em “Uma voz diferente” de Carol Gilligan: reconhecimentos, críticas e necessidade de expansão da proposta gilliginiana*, que teve como objetivo buscar diálogos e problematizações, a partir de perspectivas feministas e críticas contemporâneas, com o trabalho de Gilligan em torno do desenvolvimento moral lançado em seu livro de 1982. Dessa forma, para a produção do presente texto, subsidiamo-nos em parte desse texto anterior, resgatando as considerações que fizemos sobretudo no que tange aos reconhecimentos e críticas que a teoria de Gilligan, a teoria do cuidado ou teoria da Ética do Cuidado, proveniente desse seu trabalho de pesquisa, recebeu.

Assim, ao mesmo tempo em que são reconhecidos e aclamados por uns, *Uma voz diferente* e suas ideias são criticados e descartados por outros. Como também pontua Hekman (1995, p. 01, tradução nossa) sobre esse reconhecimento, “os críticos e defensores de Gilligan a elegeram, respectivamente, como a vilã ou salvadora do debate intelectual em andamento nos anos 1980 e 1990”. Por seus(suas) defensores(as), “o trabalho de Gilligan foi aclamado como prenúncio de uma nova teoria moral” e, por seus(suas) críticos(as), “[...] foi condenado como metodologicamente incorreto, teoricamente confuso e até antifeminista” (p. 01).

No âmbito da Psicologia do Desenvolvimento Moral, campo de estudos e conhecimento da Psicologia no qual partiremos em nossa apresentação inicial da teoria de Gilligan, *Uma voz diferente* teve uma reverberação mais direta, uma vez que se trata do lugar em que a autora originalmente se encontrava e pelo qual suas ideias foram geradas. Ainda assim, é importante ressaltar que as ideias lançadas nesse livro se reverberaram para outras áreas do conhecimento, como Filosofia, Direito,

Educação, Enfermagem, etc., assim como para outros campos da própria Psicologia, como ressaltam Sharpe (1992) e Silva (2020, 2021).

Outro importante campo que também foi impactado pelo trabalho de Gilligan, e nesse caso um campo multidisciplinar, é o dos Estudos Feministas. Em seu livro, Gilligan (1982) teceu fortes críticas à teoria moral do psicólogo estadunidense Lawrence Kohlberg (1927-1987) e a outras das principais teorias psicológicas do desenvolvimento de sua época. Parte dessas suas críticas se trataram de críticas feministas aos modos de produção do conhecimento científico e da Ciência psicológica. Em suas críticas, em suma, a autora acusou essas teorias de serem *androcêntricas* e *sexistas*³, ao mesmo tempo em que, centradas em um modelo racionalista de moralidade e extraído empiricamente somente da experiência masculina, que ela chamou de Ética da Justiça, subjugavam um outro tipo de moralidade, que chamou de Ética do Cuidado, mais representativo à perspectiva feminina de ver e responder a problemas morais.

Na pesquisa em Psicologia do Desenvolvimento Moral, pelo menos em âmbito nacional conforme constatamos em pesquisa anterior (SILVA, 2020, 2021), as ideias de Gilligan, embora referenciadas, são mais descartadas do que reconhecidas com alguma validade aos aportes teóricos desse campo⁴. Já no campo dos Estudos Feministas, a recepção de suas ideias dividiu-se, encontrando tanto apoio como resistência. Entretanto, como Hekman (1995) salienta, no caso das(os) autoras(es) feministas que resistiram, parte delas(es) nos fornece não o descarte dessas suas ideias, mas sim a sua revisão e aprofundamento, principalmente de suas críticas à

³ De acordo com Ribeiro e Pátaro (2015), o sexismo é a discriminação baseada nas diferenças entre os gêneros, nomeadamente de homens e mulheres, enquanto o androcentrismo, por sua vez, reside na base do sexismo, é um pensamento que “[...] consiste em considerar o homem como centro do universo, único apto a governar, a determinar leis e a estabelecer justiça” (p. 158) e que leva, portanto, ao sexismo e outras formas de discriminação.

⁴ Essa referência à Gilligan, no entanto, é cercada de problemáticas, como o uso abusivo de fontes secundárias e recorrentes equívocos de interpretação (SILVA, 2020, 2021). Além disso, essa tendência em mais descartar do que reconhecer a validade de seu trabalho nos foi recebida com muita curiosidade, pois outro importante *insight* contido em seu livro é o movimento teórico de se considerar os vários aspectos envolvidos no desenvolvimento moral. Esse movimento representa o atual paradigma da Psicologia do Desenvolvimento Moral, que procura considerar a complexidade dos processos psicológicos. Porém, o trabalho seminal de Gilligan nesse sentido é pouco reconhecido e citado como tal, ocasionando em não referenciá-la como uma dos(as) vanguardistas desse atual movimento no campo.

produção do conhecimento e ao modelo epistemológico de Ciência que a Psicologia do Desenvolvimento Moral se subsidia.

Partindo principalmente da corrente de pensamento feminista pós-estruturalista, elas(es) apontam alguns problemas ao trabalho de Gilligan, como os de essencialismo identitário, de compactuar com binarismos e de ainda buscar por um modelo de desenvolvimento racional e generalizável. Fazemos parte desse grupo de autoras(es), reconhecemos a importância de Gilligan e o vanguardismo de suas críticas e propostas, mas procuramos ressaltar a necessidade de se revisar algumas de suas proposições, então questionadas pelas demandas do debate feminista e de gênero nas ciências e no campo dos direitos das mulheres, de modo que torna-se necessário o aprofundamento e expansão de suas críticas à produção do conhecimento.

Dessa forma, neste texto, temos como objetivo analisar a teoria da Ética do Cuidado de Carol Gilligan em dois sentidos: tanto do ponto de vista de suas potencialidades como de suas fragilidades enquanto uma teoria feminista crítica, partindo das ideias contidas no seu livro *Uma voz diferente* e em publicações seguintes.

A TEORIA DA ÉTICA DO CUIDADO DE CAROL GILLIGAN

Carol Gilligan é uma psicóloga estadunidense, hoje professora da Universidade de Nova Iorque (2002-atualmente) e professora aposentada Universidade de Harvard (1969-1997). O trabalho pelo qual Gilligan tornou-se mundialmente conhecida, com a publicação de seu livro supracitado em 1982, foi antecedido por sua atuação junto a Lawrence Kohlberg, colaborando como Pesquisadora Assistente nas pesquisas que ele desenvolveu durante a década de 1970 (GILLIGAN; KOHLBERG, 1978; KOHLBERG; GILLIGAN, 1971).

Kohlberg (1992) é o autor de uma das principais teorias psicológicas sobre o desenvolvimento moral, teoria que busca compreender como se dá o respeito às regras pelas pessoas e sua evolução ao longo da vida. Ela foi extraída de sua pesquisa de doutorado, defendida em 1958, e foi revisada

e validada em estudos seguintes, inclusive em diferentes culturas, que desenvolveu até o ano de sua morte. A teoria kohlberguiana fundamenta-se no trabalho do epistemólogo suíço Jean Piaget (1896-1980) nos campos cognitivo e moral, ao mesmo tempo em que compartilha das raízes epistemológicas do autor suíço, sobretudo o paradigma racionalista da Filosofia Moral kantiana. Outra importante referência é a teoria da justiça do filósofo estadunidense John Rawls (1921-2002).

Em sua teoria, Kohlberg propõe um modelo de desenvolvimento universal, que todas as pessoas perpassam, e que se apresenta em *três níveis* (pré-convencional, convencional e pós-convencional) e *seis estágios*, sendo dois estágios correspondentes a cada nível. Esses estágios são respectivos à qualidade do raciocínio que as pessoas têm diante de problemas morais, sendo hierárquicos e ausentes de retrocessos. Kohlberg (1992) ressalta que esses raciocínios respectivos aos seus estágios são raciocínios de justiça, e os quais evoluem qualitativamente em direção a um ideal de justiça.

No período dessa colaboração com Kohlberg, em que Gilligan começou a atuar como docente em Harvard, ela trabalhou com dilemas morais reais⁵ em suas próprias pesquisas. A princípio baseando-se na teoria de Kohlberg, em 1977 Gilligan publicou os primeiros resultados de suas pesquisas (GILLIGAN, 1977), em que ela utilizou de dilemas com o tema do aborto e os aplicou com mulheres grávidas em clínicas de aborto. Gilligan (1977, p. 492) encontrou a progressão da moral pré-convencional à pós-convencional nas respostas das mulheres aos dilemas, porém, percebeu que o dilema do aborto revela “uma linguagem moral distinta cuja evolução informa a sequência do desenvolvimento das mulheres. Essa linguagem [...] define o problema moral como uma obrigação de exercer cuidado e evitar danos [e que] diferencia as mulheres dos homens”.

Essa constatação levou Gilligan a questionar os resultados dos estudos de Kohlberg (1992) que buscaram a validação de sua teoria, os quais

⁵ Dilemas são situações difíceis, que podem ser hipotéticos, quando mais abstratos e difíceis de ocorrerem, ou reais, quando encontrados mais facilmente no cotidiano da vida real. As críticas de Gilligan, quanto à metodologia kohlberguiana, também se voltaram ao uso de dilemas hipotéticos em detrimento dos reais, pois, como ressalta Walker (1989, p. 158, tradução nossa), os hipotéticos “[...] por causa de sua natureza abstrata, tenderão a suscitar considerações sobre direitos, enquanto dilemas da vida real, por causa de sua natureza contextualizada, suscitarão considerações sobre responsabilidade”.

indicavam que as mulheres atingiam somente até o estágio três, enquanto nos mesmos estudos os homens as transpassavam. Para Gilligan (1977), esses resultados dar-se-iam pela orientação moral diferente das mulheres ao responderem os dilemas morais, que não pelo modelo de justiça traçado por Kohlberg.

Em 1982, a autora publicou seu livro *Uma voz diferente* (GILLIGAN, 1982), *best-seller* nos Estados Unidos e no mundo. No livro, trata de três das pesquisas que realizou, a primeira sobre identidade e desenvolvimento moral, a segunda com mulheres grávidas sobre a decisão do aborto e a terceira sobre direitos e responsabilidades, cujos resultados reiteraram suas constatações anteriores (GILLIGAN, 1977) sobre o desenvolvimento moral das mulheres diferir dos homens. Gilligan utilizou o método de entrevista de Kohlberg, mas procedeu deixando-as mais abertas, possibilitando às mulheres expressar livremente seus pensamentos e experiências quanto aos dilemas que lhes eram apresentados.

Para ela (1982), as mulheres não tinham seu desenvolvimento representado pela teoria de Kohlberg e nem por outras teorias do desenvolvimento, como de Piaget, Sigmund Freud (1856-1939) e outros, e percebeu que elas compartilham da ideia de que as mulheres apresentam uma atrofia no seu desenvolvimento. São dois principais problemas nessas teorias que Gilligan constata: o primeiro, de metodologia, com a elaboração dessas teorias baseada apenas na experiência masculina (androcentrismo), e o segundo problema, consequentemente de teoria, em que qualquer diferença que aparece entre as mulheres e os homens no modelo de desenvolvimento que traçam é “em geral considerada como significando um problema no desenvolvimento das mulheres” (sexismo) (GILLIGAN, 1982, p. 11).

Gilligan (1982) conclui que a teoria de Kohlberg não estaria adequada para avaliação das mulheres, pois, quando confrontadas a dilemas morais, seus raciocínios partem de uma estrutura que prioriza o cuidado e bem-estar do outro, a Ética do Cuidado, enquanto os homens partem de uma estrutura de justiça, que a teoria de Kohlberg estaria voltada.

Kohlberg (1992), ainda em vida, respondeu às críticas de Gilligan (1982) e, a partir disso, ambos protagonizaram um debate, ainda inacabado por parte dos(as) apoiadores(as) de cada lado, que tomou grandes proporções em torno dessa questão (JORGENSEN, 2006; SILVA, 2021). Porém, embora tenha reconhecido que a moralidade não se restringe ao campo da justiça, Kohlberg rejeitou até o fim a hipótese de haver um outro modelo de desenvolvimento moral.

É importante esclarecer que o objetivo de Gilligan (1982, p. 12) em *Uma voz diferente*, foi o de *contrastar* “dois modos de pensar e focalizar um problema de interpretação mais do que representar uma generalização sobre ambos os sexos”, isto é, de contestar a universalidade da teoria kohlberguiana que excluía as mulheres e de enfatizar uma outra forma de se responder a problemas morais (pelo cuidado). Quando escutou as vozes das mulheres, percebeu que elas expressavam uma forma diferente de a moralidade se basear que não pela justiça. E a Ética do Cuidado apareceu empiricamente vinculada às mulheres.

Como esclarece Zirbel (2016, p. 43), Gilligan usou a *estratégia do contraste* em seu livro: “o contraste é, pois, estratégico e não representa uma verdade generalizada sobre os sexos. Para demonstrar a existência de falhas nas teorias sobre o desenvolvimento moral [...], o contraste permitiria deixar claro que se tratava de algo distinto do que era apresentado pelas teorias”.

Ao contrário do que equivocadamente muitos trabalhos da literatura apontam, conforme ressalta Silva (2020, 2021), não é a intenção de Gilligan (1982) propor em seu livro de 1982 uma teoria moral e um modelo de desenvolvimento subjacente⁶. Todavia, admite-se que o livro é seminal também nesse sentido e que fornece as bases para essa teoria e modelo, então retomados e consolidados em pesquisa por suas(seus)

⁶ Como a própria Gilligan (2015, p. 19, tradução nossa, grifos da autora) pontua: “[...] quando ouço *In a different voice* descrito como um livro sobre o desenvolvimento moral de meninas ou sobre o desenvolvimento moral de crianças, aprecio a ressonância que as pessoas encontram em meu trabalho com meninas e em minhas observações sobre crianças, mas não é sobre isso que o livro trata”. No entanto, sendo esse entendimento ambíguo por seus(as) leitores(as), ambiguidade que a própria Gilligan reconheceu posteriormente, a leitura mais correta é a de que seu livro *fornece as bases* para uma teoria moral do cuidado, embora não tenha sido a intenção original da autora propô-la.

continuadoras(es) pouco depois. Sem abandonar a perspectiva estruturalista de Kohlberg, desde seu livro Gilligan (1982) deixou anunciado níveis de desenvolvimento moral do cuidado.

Esse modelo de desenvolvimento moral alternativo proposto por Gilligan, que se aplicaria melhor à perspectiva feminina, divide-se em *três níveis* (o primeiro, *sobrevivência individual*, o segundo, *bondade como auto-sacrifício* e, o terceiro, *responsabilidade pelas consequências da escolha*) e *cinco estágios* respectivos, sendo dois estágios transicionais. Um conflito entre o Eu (*self*) e os Outros é resolvido para a transição em cada nível, um conflito entre a responsabilidade consigo mesmo e a responsabilidade com os outros. A definição mais recente dos níveis e estágios do modelo gilliginiano foi proporcionada com a elaboração da *Ethics of Care Interview* (ECI) pela norueguesa Eva Skoe (1993).

Após *Uma voz diferente*, as pesquisas de Gilligan se voltaram para a avaliação do constructo de *orientação moral*, constructo que ela mesma deu origem ao constatar que a moralidade poderia se orientar tanto pela justiça como pelo cuidado, e não para a avaliação dos níveis e estágios da Ética do Cuidado que ela esboçou em seu livro. E, como também ressalta Hekman (1995), ao mesmo tempo em que se distanciou gradativamente de algumas das discussões iniciadas em seu livro, em publicações seguintes Gilligan revisou alguns de seus posicionamentos lançados em *Uma voz diferente*.

A seguir, visitaremos a recepção das ideias contidas em “Uma voz diferente” no que tange às implicações desse trabalho inicial de Gilligan em dois dos campos em que suas ideias se reverberaram, a Psicologia do Desenvolvimento Moral e os Estudos Feministas, embora sejam as ideias que reverberaram no segundo campo o foco deste texto.

POTENCIALIDADES: CONTRIBUIÇÕES E RECONHECIMENTOS DA TEORIA DE GILLIGAN

Como salienta Fleming (2006, p. 16, tradução nossa), o trabalho de Gilligan vai além de “críticas a preconceitos sexistas”, pois “ela desenvolveu

ideias teóricas próprias, principalmente quanto a mulheres e homens diferirem em suas concepções de moralidade”. Após a publicação de seu livro supracitado, Gilligan continuou a defender suas ideias, porém, com o tempo, afastou-se aos poucos do debate acalorado que iniciou com Kohlberg, bem como de algumas das discussões acendidas em seu livro (SILVA, 2021).

Ainda assim, diversas publicações suas subsequentes (GILLIGAN, 1986, 2014, 2015; GILLIGAN; ATTANUCCI, 1988) puderam dar continuidade às suas ideias, retomando e aprofundando-as, muitas vezes fazendo isso indiretamente, mas sempre coerente com seu projeto inicial, como demonstra Hekman (1995) em análise detalhada dessas publicações. E continuadas não só por Gilligan, mas também, e principalmente, por suas(seus) colaboradoras(es) e outras(es) pesquisadoras(es) que, no âmbito da Psicologia do Desenvolvimento Moral, viram na Ética do Cuidado uma possibilidade atraente para o estudo da moralidade, e, no âmbito dos Estudos Feministas, para a denúncia de desigualdades de gênero e para a crítica epistemológica feminista à produção do conhecimento.

Desdobrada dessa continuidade, a teoria do cuidado, ou teoria da Ética do Cuidado, foi erigida por Gilligan e autoras(es) como a citada Skoe (1993) e as filósofas estadunidenses Joan Tronto, Nel Noddings, Virginia Held, entre outras(os), ainda que algumas dessas(es) autoras(es) tenham dado à Ética do Cuidado novas roupagens, diferentes da proposta original gilliginiana.

No que se refere ao campo da Psicologia do Desenvolvimento Moral, Gilligan é creditada por uma série de questões. Por não ser o nosso foco neste artigo os reconhecimentos de Gilligan nesse campo, mas sim no campo dos Estudos Feministas, cabe aqui somente citá-los: ela considera a complexidade envolvida no desenvolvimento moral, que inclui outras variáveis envolvidas, como o papel da afetividade; também inova ao eleger o Eu (*self*) como objeto da moral, uma vez que a moral estaria além de deveres, obrigações e regras, e agregaria aspectos do Eu nas ações e nos juízos, sendo a Ética do Cuidado relacionada a um Eu interconectado e interdependente; serviu de referência para a proposição das teorias pós-

kohlberguianas, que procuraram contemplar uma visão mais ampla da moralidade subsidiando-se na crítica e no trabalho pioneiro de Gilligan (1982); e a inclusão de outras virtudes, para além da justiça, como centrais ao desenvolvimento moral, especificamente a virtude do cuidado.

Também como contribuição ao campo, e nesse caso à própria Psicologia, Gilligan inseriu-se em uma literatura, como também se tornou referência nela, que denuncia a resistência da Psicologia para “um inevitável compromisso ético-político que [... historicamente] sempre se recusou a fazer” (OLIVEIRA, 2017, p. 9). Essa literatura iminentemente feminista e que Gilligan faz parte, denuncia que a Psicologia, construída a partir de referenciais e metodologias positivistas e experimentalistas, por muito tempo recusou a assunção de qualquer compromisso político, tal como o feminista, o que permitiu a geração de interpretações androcêntricas e sexistas sobre o desenvolvimento humano, como ocorre nas teorias morais de Piaget e Kohlberg. A partir de Gilligan e outras autoras dessa literatura, provocaram-se revisões e deslocamentos aos modos de se conceber e fazer a ciência psicológica (LEMOS DE SOUZA, 2017), o que leva ao segundo campo de estudos que muito se beneficiou das contribuições da autora.

Assim, cabe nos aprofundar nas implicações de seu trabalho em relação ao campo dos Estudos Feministas.

Como ressalta Brabo (2015, p. 111), surgido desde o final do século XIX, mas autoproclamado no início do século XX, o Feminismo é tanto “[...] um movimento social, com uma ideologia de libertação das mulheres, quanto uma teoria crítica do sexismo (discriminação de sexo baseada na ideologia da inferioridade da mulher), da visão androcêntrica de mundo e da dominação masculina”. O livro de Gilligan é, portanto, recebido pela academia universitária no final da década de 1970 e início da década de 1980, período histórico em que as teorizações decorrentes desse Movimento institucionalizavam-se nas Universidades, primeiro nos Estados Unidos e depois a nível global, com a constituição formal de um campo de conhecimento multidisciplinar autointitulado *Feminist Studies*, os Estudos Feministas.

Lemos de Souza (2017, p. 22) ressalta que a crítica feminista vem sinalizando diversos equívocos no modo de condução das pesquisas que implicam também o questionamento de seus fundamentos, e “dentre elas, destacam-se duas críticas: a) a da condução dos resultados em função das hipóteses formuladas previamente pelos cientistas; b) as teorias científicas serviam a determinadas posições androcêntricas ou estruturas de poder”.

As críticas de Gilligan (1982) em *Uma voz diferente* envolvem essas duas críticas da literatura feminista sinalizadas pelo autor (2017). Na primeira crítica, a) ao empregar, de maneira inovadora, o uso das narrativas de mulheres sobre a decisão em fazer ou não aborto, Gilligan não as incita a raciocinarem pela Ética de Justiça e deixa suas respostas aparecerem livremente, sob o entendimento de que “[...] precisamos alterar nossa estrutura interpretativa para ouvir suas histórias como histórias morais” (HEKMAN, 1995, p. 07, tradução nossa). Na segunda crítica, b) constatando a presença nula, ou quase nula, das mulheres nas amostras que as teorias psicológicas tiveram sua elaboração baseada, salienta que elas não podem representar as mulheres, pois não contemplam suas experiências, sendo o resultado de que as mulheres apresentam um desenvolvimento deficitário um reflexo disso e da tendência de, ao se perceber diferenças entre homens e mulheres, de atribuir essa diferença como um problema de desenvolvimento das mulheres, então as desviantes.

Zirbel (2016, p. 64) chama atenção a outros aspectos de seu trabalho reconhecidos na literatura feminista, ao ressaltar que Gilligan fez:

[...] contribuições importantes para a Ética e para as discussões feministas. Seus trabalhos direcionaram a atenção para aspectos da vida humana que possuem inegável valor e que foram negligenciados ou desqualificados pelas principais correntes teóricas (a vulnerabilidade e a natureza dependente e relacional dos seres humanos, a característica não voluntária de muitas relações de cuidado etc.).

É imperativo salientar que, com tais reconhecimentos, Gilligan não só ficou conhecida no campo dos Estudos Feministas nesse período como

também ditou os seus rumos (BENHABIB, 1987). Apesar de não haver consenso na literatura, Brabo (2015) e Nogueira (2017) ressaltam que, para sua apreensão histórica, o Feminismo pode ser dividido temporalmente em *Ondas* sucessivas: a *Primeira Onda*, situada no final do século XIX até os anos de 1960; a *Segunda Onda*, até meados dos anos de 1980; e a *Terceira Onda*, a partir da década de 1990, onda que se encontra atualmente em curso e, por vezes, referenciada como *pós-feminismo*.

Assim, recebido no período de Segunda Onda do Feminismo, em finais da década de 1970 e início da década de 1980, nos Estados Unidos, o trabalho de Gilligan teve fortes implicações em relação ao pensamento feminista de sua época, em um momento autocrítico no qual o Movimento Feminista revisava, do ponto de vista teórico, suas pautas quanto às questões de gênero. Tais implicações foram tamanhas a ponto de ajudar na emergência de uma corrente intelectual feminista, o chamado *Feminismo da Diferença*.

Se antes o Feminismo reivindicava o *direito à igualdade*, a partir daquele momento autocrítico, algumas feministas passaram a reivindicar o *direito à diferença*, dando origem ao Feminismo da Diferença que personifica essa revisão, o qual “[...] defende a existência de diferenças entre homens e mulheres, mas assume que as características feministas são de valor (inclusive valor societal) superior” (NOGUEIRA, 2017, p. 34). Nesse sentido, uma das bases teóricas para emergência dessa vertente, senão a principal, foi o trabalho de Gilligan, surgido oportunamente naquele contexto. Essa emergência se dá junto a trabalhos de outras autoras feministas, como a socióloga e psicanalista estadunidense Nancy Chodorow (1944-), que é uma das referências de Gilligan em *Uma voz diferente*.

De forma simplificada, poderíamos dizer que [o Feminismo da Diferença] enfatiza as diferenças psicológicas entre homens e mulheres, tomando cada grupo como homogêneo internamente e valorizando os aspectos da personalidade das mulheres relacionados à maternidade. [...] No âmbito do ‘feminismo da diferença’, entretanto, o que prevalece é a polaridade homem-mulher, uma premissa apoiada num segundo pressuposto: a universalidade dessas categorias (homem, mulher, a oposição binária entre eles) (CARVALHO, 1999, p. 20).

Apesar desses reconhecimentos, e de *Uma voz diferente* ser considerado unanimemente um livro seminal para muitas dessas ideias que despertou, diversas críticas também foram tecidas à Gilligan e seu trabalho de pesquisa. Dessas várias críticas, debruçar-nos-emos a seguir naquelas provindas do campo dos Estudos Feministas, assim como tecer-nos-emos algumas considerações sobre aquelas do campo da Psicologia do Desenvolvimento Moral.

FRAGILIDADES: CRÍTICAS À TEORIA DE GILLIGAN

No âmbito dos Estudos Feministas, talvez a principal crítica ao trabalho de Gilligan se refira ao *essencialismo identitário* que suas ideias sugerem: de que existe uma essência masculina e feminina, ou seja, de um modo primário, natural, universal ou imutável de ser homem e ser mulher.

Acerca disso, Zirbel (2016, p. 59) ressalta que “ainda que tenha feito uso do contraste entre as duas vozes como estratégia e tenha deixado claro que a voz diferente não resultava de um determinismo biológico, a explicação gilliginiana [...] deu margem a outro tipo de determinismo: o psicológico”. Para explicar por que homens e mulheres apresentam um caminho diferente no desenvolvimento moral, o porquê da associação das duas orientações morais com o gênero, Gilligan (1982) subsidiou-se na releitura de Chodorow (1991) da Psicanálise freudiana.

Zirbel (2016) elenca quatro problemas interligados provenientes desse essencialismo sugerido em suas ideias: 1) a *ausência de pluralidade* na descrição das experiências humanas, visto que não pontou a multiplicidade das experiências e formas de ser tanto de homens quanto de mulheres; 2) o *binarismo* resultante desta ausência de pluralidade; 3) a *uniformização* dos processos de desenvolvimento moral, que permite a associação das mulheres à moralidade do cuidado e dos homens à moralidade da justiça; e 4) o *reforço de estereótipos* que sustentam o sistema sexo/gênero, pois deu margem à interpretação de que há papéis sociais que são próprios de homens e mulheres. Isso, portanto, levou-a ao determinismo psíquico da Psicanálise, que toma o lugar de aspectos culturais também envolvidos na formação da

identidade de gênero, e ao binarismo de gênero, gerando generalizações sobre os gêneros e reforçando estereótipos consequentemente.

Nesse sentido, sendo o trabalho de Gilligan subsidiário do pensamento do Feminismo da Diferença, que nas palavras de Amâncio (2001, p. 14) promove “um discurso de exaltação da diferença”, essa corrente intelectual foi rechaçada pelas demais vertentes teóricas feministas, principalmente pelas mais atuais que estão fundamentadas no pós-estruturalismo e aliadas a perspectivas interseccionais (NOGUEIRA, 2017). Devido a sua assunção de um conhecimento universal e generalizável ao grupo “mulher” e, portanto, que é essencialista, essas outras vertentes entendem o Feminismo da Diferença como mais prejudicial do que emancipatório às mulheres.

Apesar de no contexto de Gilligan, o debate da essencialidade sobre cisgneridade (BAGAGLI, 2015) ainda não estar presente, cabe ampliar o debate do “grupo mulheres” para perspectivas da transgneridade. As perspectivas feministas historicamente são dominadas por uma leitura cisgênera, na qual o sexo biológico é a base material para definir o grupo mulheres e cujas leituras flertam com os essencialismos sobre o feminino, mesmo as que se aliam a leituras culturalistas. Do mesmo modo, os feminismos negros, que naquele momento já estavam bem desenvolvidos no contexto norte-americano (CRENSHAW, [1981]1989; DAVIS, [1981] 2016), são negligenciados quando se insere cor e classe enquanto abordagem sobre os processos de opressão sobre determinados grupos de mulheres na sociedade, resultando em singularidades nos modos de existir e de estar na sociedade, inclusive do âmbito das expressões éticas.

Outra importante crítica compartilhada nesse campo (HEKMAN, 1995; MONTENEGRO, 2003; ZIRBEL, 2016), sobretudo por essas vertentes teóricas feministas fundamentadas no pós-estruturalismo e interseccionais, e que se estende ao campo da Psicologia do Desenvolvimento Moral (ARANTES, 2000; CAMPBELL; CHRISTOPHER, 1996), é a de que Gilligan (1982) *não rompe totalmente com as concepções kantianas*, nem com alguns dos princípios do modernismo (o *racionalismo, estruturalismo e universalismo*), que fundamentam a teoria moral moderna.

Enquanto Piaget ([1932]1994) reconhece a justiça como a mais racional de todas as virtudes, e que por isso foi sobre ela que seu trabalho de pesquisa sobre o desenvolvimento moral se voltou, Kohlberg (1992) reconhece que “é a justiça que fornece os subsídios necessários para a fundamentação racional da escolha em dilemas morais” (MONTENEGRO, 2003, p. 499). A moralidade de justiça que Kohlberg (1992) ressalta que seus estágios se referem, assim como a direção do desenvolvimento a um ideal de justiça, são, portanto, racionalistas, reforçando a oposição kantiana entre razão e subjetividade, que superestima a razão e menospreza a dimensão afetiva.

Campbell e Christopher (1996) criticam tanto o uso da razão como único regulador moral e a unicidade da moralidade como justiça, que também é uma crítica de Gilligan às teorias de Piaget e Kohlberg. Porém, também apontam para a necessidade de se romper com polarização do campo da moralidade entre a justiça e cuidado, que foi difundida a partir de Gilligan. Assim, embora Campbell e Christopher (1996) reconheçam que Gilligan (1982) critique o racionalismo da teoria de Kohlberg, eles ressaltam que a autora não rompeu completamente “com as bases epistemológicas da psicologia do desenvolvimento, deixando de questionar os fundamentos que levaram os autores por ela mesma criticados a uma limitação do campo da moralidade” (MONTENEGRO, 2003, p. 499). Como resultado disso, tem-se a perpetuação de uma série de binarismos: como razão *versus* emoção, justiça *versus* cuidado, Eu conectado *versus* Eu separado, principialismo *versus* contextualismo, autonomia *versus* dependência, “só que agora valorizando o cuidado em benefício das mulheres. A dicotomia não foi alterada porque não houve questionamento de seus fundamentos” (MONTENEGRO, 2003, p. 500).

Além disso, Gilligan (1982) desenvolve seu trabalho dentro de outro princípio que sustenta esse paradigma modernista que, controversamente, ela critica: o estruturalismo. Como ressalta Arantes (2000, p. 140), “apesar de questionar o formalismo e impersonalismo da teoria de Kohlberg, bem como o princípio da ‘ética da justiça’, Gilligan não questionou a interpretação estruturalista do desenvolvimento moral por estágios”. Como também já mencionado, em *Uma voz diferente* estão esboçados níveis e

estágios de um modelo de desenvolvimento da Ética do Cuidado, como alternativa ao modelo de Ética da Justiça de Kohlberg (1992), mostrando, também, certo vínculo com o princípio de *universalismo*, já que busca por um modelo *generalizável*.

Contudo, Hekman (1995, p. 32, tradução nossa) nos fornece uma outra visão sobre essa crítica ao trabalho de Gilligan: ela admite que, em vários momentos, “em seus primeiros trabalhos Gilligan parece estar continuando a busca por uma teoria moral verdadeira” e que “Gilligan frequentemente recua de uma rejeição total da teoria moral contemporânea; ela afirma que quer reformar em vez de reconstituí-la” (p. 09, tradução nossa). No entanto, Hekman (1995, p. 09, tradução nossa) contra-argumenta que “seus [de Gilligan] conceitos de domínio moral e sujeito moral são incompatíveis com a definição de moralidade encontrada na teoria moral modernista; portanto, ela não pode adicionar a voz diferente a essa teoria”. E que, em publicações seguintes e mais recentes, Gilligan abandona esse objetivo que anuncia em 1982, revisando seus posicionamentos.

Segundo Hekman (1995), Gilligan não define seu projeto em termos de uma desconstrução do racionalismo e universalismo da teoria moral modernista (com o sujeito moral autolegisador de Kant como seu principal representante), mas que seu trabalho contribui significativamente para essa desconstrução, em direção a concepções que enfatizam a particularidade e a concretude: “suas descobertas levaram-na a uma compreensão do desenvolvimento de vozes morais que solapam os próprios fundamentos da teoria moral modernista” (HEKMAN, 1995, p. 3, tradução minha).

Assim, Hekman (1995) advoga sobre duas formas diferentes de se ler (e interpretar) o trabalho de Gilligan. A primeira leitura, que se pode extrair de seus primeiros trabalhos, é inovadora, mas não se afasta de suas raízes modernistas: “ela parece estar propondo uma correção à visão incompleta, errônea e tendenciosa do *self* proposta pelos teóricos masculinistas [Kant, Piaget, Kohlberg, etc.]” (HEKMAN, 1995, p. 06, tradução minha). A segunda leitura, no entanto, é mais radical. Ao contrário do que diz a primeira leitura, de que as Ética da Justiça e Ética do Cuidado são *complementares*, essa segunda leitura, que é a que Hekman (1995, p. 25,

tradução nossa) realiza, compreende a abordagem de Gilligan (1982) para o estudo do desenvolvimento moral como *incompatível* com a perspectiva que critica.

POSICIONAMENTOS SEGUINTE DE GILLIGAN E NECESSIDADE DE REVISÃO NA TEORIA

Dado o exposto, cabe ressaltar os posicionamentos seguintes de Gilligan a tais críticas tecidas ao seu trabalho de pesquisa, que deu origem à teoria da Ética do Cuidado, e as revisões que fez em relação às suas ideias iniciais.

Quanto às suas ideias sugerirem um essencialismo identitário, desde seu livro de 1982, Gilligan (1982) deixou anunciado logo na introdução que a orientação moral ao cuidado que encontra é identificada não por gênero, mas por tema. A Ética do Cuidado representa apenas uma maneira diferente de se responder a problemas morais e sua associação às mulheres é uma constatação empírica, “não é absoluta, e os contrastes entre as vozes femininas e masculinas são apresentados [...] para aclarar uma distinção entre dois modos de pensar e focalizar um problema de interpretação mais do que representar uma generalização sobre ambos os sexos” (GILLIGAN, 1982, p. 12).

A manifestação mais recente de Gilligan sobre essa crítica pode ser vista na entrevista que nos concedeu por ocasião do Dossiê “40 anos de ‘Uma voz diferente’ [...]”, então já mencionado, em que ela diz:

[...] em parte sou responsável pela confusão que surgiu ao juntar a palavra ‘diferente’ com a palavra ‘mulher’ no título do meu livro de 1982 [...] e do artigo de 1977 que o precedeu. Isso fomentou a suposição de que a voz diferente era a voz de uma mulher. [...] na época em que escrevi, era difícil não a ouvir como tal porque a ‘voz diferente’ era uma voz que conectava o pensamento com a emoção e o self com os relacionamentos, e tanto as emoções como os relacionamentos eram considerados ‘femininos’ e pensados para comprometer as qualidades ‘masculinas’ da razão e do self (SILVA; GILLIGAN, 2022, p. 15).

Em trabalho seguinte a *Uma voz diferente*, Gilligan e Attanucci (1988) colocam em xeque as relações entre as orientações morais (cuidado e justiça) e o gênero, reforçando as teses de que: a) o cuidado e a justiça são dimensões da moral tanto no mundo público quanto no mundo privado; b) homens e mulheres usam as duas orientações, no entanto homens orientam-se mais pela justiça e mulheres mais pelo cuidado.

Ainda nessa entrevista, quando questionamos sobre seu fundamento na leitura da Psicanálise de Chodorow (1991), Gilligan diz que “apresento seu [de Chodorow] trabalho como uma tentativa de explicar [...] ‘a reprodução, dentro de cada geração, de certas diferenças gerais e quase universais que caracterizam a personalidade e os papéis masculinos e femininos’” (SILVA; GILLIGAN, 2022, p. 17). Assim, para ela, essa fundamentação não a leva ao determinismo psicológico, mas que enfatiza que o cuidado é atribuído histórica e culturalmente às mulheres e que essa atribuição deixa resquícios psicológicos em sua identidade: “Isso me parece o oposto de um argumento essencialista” (p. 17).

Na entrevista, também a questionamos sobre não ter rompido com o estruturalismo da teoria de Kohlberg e qual seu posicionamento quanto ao estruturalismo naquela época e hoje: “no livro *Uma voz diferente* você descreveu estágios de desenvolvimento. Porém, [...] hoje parece que este assunto ficou para trás, como uma possível continuação de *Uma voz diferente* e que não teve continuidade”, no que nos respondeu:

É verdade: quando escrevi *I a Different Voice*, ainda estava pensando em termos da teoria do estágio estrutural de Piaget e Kohlberg [...]. Isso foi antes de eu perceber que a própria teoria do desenvolvimento estava enquadrada em um conjunto particular de suposições culturais. A chave para a mudança a que você se refere veio dos estudos sobre o desenvolvimento de meninas que iniciei seguindo *In a Different Voice* (a pesquisa do “*10 year Harvard Project on Women’s Psychology and Girls’ Development*”). (SILVA; GILLIGAN, 2022, p. 15, grifos nossos).

Portanto, para o pensamento feminista contemporâneo, representado pelas vertentes teóricas feministas fundamentadas no pós-estruturalismo e

interseccionais⁷, a teoria da Ética do Cuidado é frágil no sentido de não romper completamente, a um nível epistemológico, com o modernismo.

No entanto, Hekman (1995), que é uma autora feminista de orientação teórica pós-moderna, argumenta, assim como outras autoras de mesma orientação teórica também argumentam, que apesar dessa crítica de que Gilligan não rompe com o modernismo como deveria, as suas ideias não devem ser descartadas, sendo muito potenciais para basear um projeto emancipatório feminista, desde que revisadas e aprofundadas. Assim, embora Gilligan não seja uma autora feminista pós-moderna, Hekman (1995) a interpreta no sentido de que suas ideias dão condições para tal, expandindo-as nessa direção, logo, “minha tese é que todo o teor da obra de Gilligan leva à conclusão de que devemos parar de tentar ‘acertar’ na teoria moral e, em vez disso, explorar a constituição e a interação de múltiplas vozes morais” (p. 32, tradução minha).

E, não obstante, como a própria Gilligan menciona em publicações recentes, ela pareceu abandonar de vez esse paradigma moderno, levando-a a uma compreensão mais pós-estruturalista do que estruturalista. Considerando as duas leituras possíveis do trabalho de Gilligan descritas por Hekman (1995), a primeira que busca apenas corrigir e a segunda que buscar romper, de fato, com a teoria moral modernista, compartilhamos da tese de Hekman de que a Gilligan de hoje está mais perto da segunda leitura do que a Gilligan de 1982 esteve. Essa segunda leitura, portanto, coloca-a próxima ao que diz a revisão feminista pós-estruturalista e interseccional de sua teoria.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste texto, analisamos as potencialidades e fragilidades que a teoria da Ética do Cuidado de Carol Gilligan dispõe enquanto uma

⁷ Argumentamos que essas vertentes feministas, surgindo temporalmente depois ao Feminismo da Diferença e outras vertentes de Segundo Onda, sobrepoem-se às anteriores em termos de adesão e demanda social. Temos ciência de que não há consenso em dizer que essas vertentes se sobrepuseram às anteriores, nem que representam o pensamento feminista contemporâneo, uma vez que os Feminismos coexistem (NOGUEIRA, 2017), mas é inegável a posição emergente em que se encontram atualmente.

teoria feminista crítica, considerando os reconhecimentos e críticas que recebeu diante do contexto histórico em que foi erigida e das demandas feministas contemporâneas.

Dentre suas principais potencialidades feministas, ressaltaram-se, primeiramente, o movimento teórico de não conduzir a investigação em função de hipóteses formuladas previamente, mas da Ética do Cuidado erigir espontaneamente, sendo calcada em conceitos extraídos da realidade e não em conceitos abstratos, como é a Ética da Justiça defendida por Kohlberg (1992) (ex.: Filosofia kantiana); e de denunciar o viés de gênero que as teorias psicológicas conservavam, adotando a experiência masculina como regra (androcentrismo) sem representar as mulheres e conseqüentemente gerando compreensões sexistas sobre o desenvolvimento humano. Em seguida, ressaltaram-se o impacto da teoria de Gilligan ao pensamento feminista de sua época, que culminou na formação do Feminismo da Diferença, e sua iniciativa de trazer para os Feminismos contemporâneos o substrato para suas próprias revisões a respeito do sujeito do Feminismo e os modos de produção do conhecimento científico e da Ciência psicológica.

Nesse sentido, no que se refere às fragilidades dessa teoria, pontuaram-se o essencialismo identitário que suas ideias sugerem, do qual decorrem as seguintes problemáticas: ausência de pluralidade na descrição das experiências humanas; do binarismo resultante desta ausência de pluralidade; uniformização dos processos de desenvolvimento moral, que associa as mulheres à moralidade do cuidado e os homens à moralidade da justiça; e reforço de estereótipos, dando margem à interpretação de que há papéis próprios de homens e mulheres.

A partir disso, ressaltou-se a necessidade de se revisar algumas de suas proposições frente às demandas feministas contemporâneas. Assim, apesar do debate da essencialidade sobre cisgeneridade ainda não estar presente no contexto do trabalho de Gilligan, contemporaneamente cabe ampliar o debate do “grupo mulheres” para a perspectiva da transgeneridade.

Não obstante, embora Gilligan tenha ensaiado ensaia um rompimento com as bases epistemológicas da Psicologia do Desenvolvimento

Moral, ainda assim ela se vinculou a algumas delas, e conseqüentemente sua teoria esteve vinculada, desde seu livro de 1982. As vertentes teóricas feministas mais contemporâneas, fundamentadas no pós-estruturalismo e interseccionais, denunciam as limitações disso, mostrando que Gilligan deixou de questionar os fundamentos que levaram os autores por ela mesma criticados a uma limitação do campo da moralidade.

Ainda assim, em um último momento no texto, ressaltou-se que algumas autoras(es) feministas de orientação pós-estruturalista propõem não o descarte dessas suas ideias, mas sim a sua revisão e aprofundamento, como é o caso de Hekman (1995), ao reconhecerem que mesmo inicialmente apresentando um rompimento incompleto, é potencial para a desconstrução da teoria moral modernista. Mais recentemente, a própria Gilligan respondeu a esse questionamento, demonstrando que seu posicionamento hoje na teoria da Ética do Cuidado aproxima-se dessa revisão e aprofundamento feminista pós-estruturalista e interseccional.

Fazemos parte desse grupo de autoras(es), reconhecemos a importância de Gilligan e o vanguardismo de suas críticas e propostas, mas procuramos ressaltar essa necessidade de se revisar suas proposições, então questionadas pelas demandas do debate feminista e de gênero nas Ciências e no campo dos direitos das mulheres. Hoje, no 40º aniversário de seu livro de 1982, endossamos o dizer de Hekman (1995) de que as ramificações morais, epistemológicas e metodológicas de seu trabalho ainda estão, e completamos que por muitos anos ainda estarão, sendo exploradas.

REFERÊNCIAS

- AMÂNCIO, L. O gênero na psicologia: uma história de desencontros e rupturas. *Psicologia*, Lisboa, v. 15, n. 1, p. 9-26, 2001.
- ARANTES, V. A. Cognition, afetividade e moralidade. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 137-153, 2000.
- BAGAGLI, B. P. *Cisgênero nos discursos feministas: uma palavra tão defendida; tão atacada; tão pouco entendida*. Campinas: UNICAMP/IEL, 2015.

BENHABIB, S. Outro generalizado e outro concreto. In: BENHABIB, S.; CORNELL, D. *O feminismo como crítica da modernidade: releitura dos pensadores contemporâneos do ponto de vista da mulher*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1987. p. 87-106.

BRABO, T. S. A. M. Movimentos sociais e educação: feminismo e equidade de gênero. In: DAL RI, N. M.; BRABO, T. S. A. M. (org.). *Políticas educacionais, gestão democrática e movimentos sociais*. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015. p. 109-128.

CAMPBELL, R. L.; CHRISTOPHER, J. C. Moral development theory: a critique of this kantian presuppositions. *Development Review*, Maynooth, v. 16, n. 1, p. 1-47, 1996.

CARVALHO, M. P. *No coração da sala de aula: gênero e trabalho docente nas séries iniciais*. São Paulo: Xamã, 1999.

CRENSHAW, K. Demarginalizing the intersection of race and sex: a black feminist critique of discrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics. *Legal Forum*, Chicago, p. 139-167, 1989.

DAVIS, A. *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Boitempo, 2016.

FLEMING, J. S. *Piaget, Kohlberg, Gilligan, and others on moral development*. 2006.

GILLIGAN, C. In a different voice: women's conceptions of self and of morality. *Harvard Educational Review*, Cambridge (MA), v. 47, n. 4, p. 481-517, 1977.

GILLIGAN, C. Moral injury and the ethic of care: reframing the conversation about differences. *Journal of Social Philosophy*, Hoboken, v. 45, n. 1, p. 89-106, 2014.

GILLIGAN, C. Remembering Larry. *Journal of Moral Education*, Abingdon, p. 27, n. 2, p. 125-140, 1998.

GILLIGAN, C. Reply by Carol Gilligan. *Signs*, Chicago, v. 11, n. 2, p. 324-333, 1986.

GILLIGAN, C. Revisiting "In a Different Voice". *Review of Law & Social Change*, New York, v. 39, p. 19-28, 2015.

GILLIGAN, C. *Uma voz diferente: psicologia da diferença entre homens e mulheres da infância à idade adulta*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1982.

GILLIGAN, C.; ATTANUCCI, J. Two moral orientations: gender differences and similarities. *Merrill-Palmer Quarterly*, Detroit, v. 34, n. 3, p. 223-237, 1988.

GILLIGAN, C.; KOHLBERG, L. From adolescence to adulthood: the recovery of reality in a postconventional world. In: PRESSEISEN, B. Z.; GOLDSTEIN, D.; APPEL, M. H. (org.). *Language and operational thought: topics in cognitive development*. Boston: Plenum Press, 1978. p. 125-136.

HEKMAN, S. *Moral voices, moral selves: Carol Gilligan and feminist moral theory*. Pensilvânia: Penn State University Press, 1995.

- JORGENSEN, G. Kohlberg and Gilligan: duet or duel?. *Journal of Moral Education*, Abingdon, v. 35, n. 2, 179-196, 2006.
- KOHLBERG, L. *Psicologia del desarrollo moral*. Bilbao: Editorial Desclée de Brower, 1992.
- KOHLBERG, L.; GILLIGAN, C. The adolescent as a philosopher: the discovery of the self in a postconventional world. *Daedalus*, Cambridge, MA, v. 100, n. 4, p. 1051-1086, 1971.
- LEMONS DE SOUZA, L. *Epistemes feministas e a psicologia do desenvolvimento: percursos na pesquisa sobre gêneros, sexualidades e juventudes*. 2017. 144 f. Tese (Livro-Docência em Psicologia do Desenvolvimento) – Faculdade de Ciências e Letras (FCL), Universidade Estadual Paulista (UNESP), Assis, 2017.
- MONTENEGRO, T. Diferenças de gênero e desenvolvimento moral das mulheres. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 11, n. 2, p. 493-508, 2003.
- NOGUEIRA, C. *Interseccionalidade e psicologia feminista*. Salvador: Devires, 2017.
- OLIVEIRA, J. M. Prefácio. In: NOGUEIRA, Conceição. *Interseccionalidade e psicologia feminista*. Salvador: Devires, 2017. p. 7-15.
- PIAGET, J. *O juízo moral na criança*. São Paulo: Summus, 1994. [Publicado originalmente em 1932].
- RIBEIRO, A. de S.; PÁTARO, R. F. Reflexões sobre o sexismo a partir do cotidiano escolar. *Revista Educação e Linguagens*, Campo Mourão, v. 4, n. 6, p. 156-175, 2015.
- SHARPE, V. A. Justice and care: the implications of the Kohlberg-Gilligan debate for medical ethics. *Theoretical medicine*, Dordrecht, v. 13, p. 295-318, 1992.
- SILVA, M. E. F. Afinal, o que foi o debate Kohlberg-Gilligan?. *Schème – Revista Eletrônica de Psicologia e Epistemologia Genéticas*, Marília, v. 13, n. 1, p. 4-40, 2021.
- SILVA, M. E. F. Carol Gilligan e a ética do cuidado na produção de pesquisa em Psicologia do Desenvolvimento Moral de três Programas de Pós-Graduação stricto sensu (2008-2019). *Schème – Revista Eletrônica de Psicologia e Epistemologia Genéticas*, Marília, v. 12, n. 1, p. 166-204, 2020.
- SILVA, M. E. F.; GILLIGAN, C. 40 anos de “Uma voz diferente”: entrevista com Carol Gilligan. *Schème – Revista Eletrônica de Psicologia e Epistemologia Genéticas*, Marília, v. 14, n. esp., p. 1-23, 2022. No prelo.
- SKOE, E. E. A. *The Ethic of Care Interview manual*. Não-publicado. Universidade de Oslo, Noruega, 1993. 25p.
- WALKER, L. J. A longitudinal study of moral reasoning. *Child Development*, Hoboken, v. 60, n. 1, p. 157-166, 1989.
- ZIRBEL, I. *Uma teoria político-feminista do cuidado*. 2016. 260 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 2016.